



<b>Veículo:</b> Diário do Pará		
<b>Data:</b> 04/09/2017	<b>Caderno:</b> Você	<b>Página:</b> 01
<b>Assunto:</b> Festival		
<b>Tipo:</b> Notícia	<b>Ação:</b> Espontânea	<b>Classificação:</b> Neutra

# Cultura contra preconceito

Festival Afrontchy discute cultura, representatividade e cidadania de comunidades Afro e LGBT em Belém

**Lais Azevedo**



lais.azevedo@diariodopara.com.br

Realizado por universitários, ocorre hoje o Festival Afrontchy. Toda a programação é dedicada a debater e combater a violência que brota do preconceito – seja por questões de gênero ou racismo –, uma realidade fora, mas também dentro das universidades. O credenciamento do público ocorre a partir das 8h, no auditório do Instituto de Ciências Jurídicas da UFPA.

A primeira atividade é bem representativa para os organizadores do evento, a mesa redonda “A educação como ferramenta de resistência no combate à homofobia”, com participação de Rafael Ventiniglia, do movimento LGBT Pará.

“Eu acho que discutir é o fator inicial. A gente organiza o evento para levantar a discussão. Recentemente, a gente teve um caso dentro do campus que não foi exatamente uma guerra, mas um embate entre negros e brancos em redes sociais e a partir disso pensamos que a educação é instrumento de superação desses dizeres. A gente acha que é necessário discutir a importância da educação frente ao preconceito e a violência”, afirma Paulo César Rebelo, 26, estudante do 5º semestre do Curso de Turismo, turma que organizou o festival.

As preocupações têm razão de ser. Os alunos destacam o crescimento no número de assassinatos de líderes quilombolas no Pará – de uma morte em 2016, passou-se para 13 em 2017 –, assim como de transexuais, que aumentaram em 22% em 2017. “Esses dados relatam uma contradição: ainda

que a sociedade atual esteja caminhando para o reconhecimento, através de leis que protejam os diferentes, há pessoas que ainda se recusam a aceitar essa diferença”, diz Paulo. A segunda mesa redonda do evento, marcada para as 16h, vai abordar especificamente o racismo dentro das instituições de ensino.

Paralelos ao debate, das 14h às 16h, ocorrem os workshops de “Atendimento ao público LGBT”, que abordará a forma como o público LGBT deve ser atendido, principalmente em instituições de ensino, e o “Na Cabeça”, com a cabelereira Karla Malaika, da empresa Black To Black Estúdio Afro, ensinando a fazer tranças afro. Ela explica que as tranças surgiram como pano de fundo de diversos movimentos, “como o Black Power e as Panteras Negras que lutavam pelos direitos da cultura afro”. De acordo com Malaika, em sua origem os trançados podiam ter vários significados, inclusive, sinalizando o status social.



“

**A gente necessário  
discutir a  
importância da  
educação frente ao  
preconceito”**

**Paulo César Rebelo,**  
estudante de Turismo



Tiffany Boo,  
Aya Hazani e  
Liz Curry vão  
performar no  
"Afrontchy".  
Foto: divulgação